



NOTAS APROXIMATIVAS SOBRE A CENTRALIDADE DO TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Lucilene Alves Pereira¹

Kênia Ráisse Borges Lima²

Francisca Alves Pereira³

Maria Aparecida Nunes⁴

RESUMO

Este estudo é fruto de reflexões tecidas em sala de aula, na disciplina de Processo de Trabalho, cujo principal objetivo é evidenciar algumas considerações acerca da categoria trabalho, o mercado de trabalho nos moldes capitalista e as transformações que vem ocorrendo neste mercado de trabalho e, por conseguinte, suas implicações para classe trabalhadora. É nesta perspectiva que julgamos pertinente a discussão sobre a centralidade do trabalho no contexto atual, à medida que ocorre nas ciências sociais um debate em torno do fim da utopia da sociedade do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Modo de Produção Capitalista; Relações Sociais.

ABSTRACT

This study is the result of the reflections made in the classroom, the discipline of Work Process, whose main purpose is to highlight some considerations about the work category, the labor market capitalist in the mold and the changes that have occurred in the labor market and, therefore, its implications for the working class. It is this perspective that we deem relevant discussion on the centrality of work in the current context, as occurs in the social sciences a debate around the end of the utopia of the working society.

Keywords: Work; Capitalist Mode of Production, Social Relations.

INTRODUÇÃO

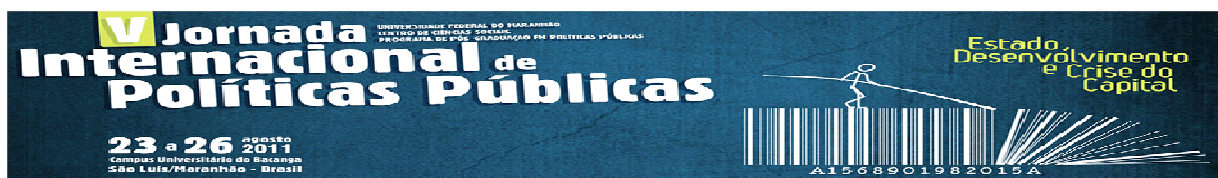
Longe de abarcar a complexidade que envolve a discussão da temática trabalho na esfera contemporânea, o presente artigo parte do pressuposto que, mais que nunca, faz-se necessário apreender o significado do trabalho no processo de sociabilidade humana, bem como a forma que

¹ Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). luaves0709@gmail.com

² Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

³ Estudante de Graduação. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). felix.1801@hotmail.com

⁴ Mestre. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).



este assume no modo de produção capitalista. Além disso, se o Serviço Social tem como direção teórico-metodológica a Teoria Social de Marx, cabe aos pesquisadores, estudantes, docentes e/ou profissionais da “linha de frente”, aprofundar a discussão desta categoria que exerce um papel central na referida Teoria.

Desde os primórdios da civilização vem ocorrendo mudanças na forma de organização das sociedades. Dos modos de produção, pautado em classes estruturalmente desiguais, como o escravista, o feudal e o capitalista, o trabalho constitui o ponto de partida para compreender a forma de produção e reprodução das relações sociais. Tese que face, as transformações contemporâneas, vem sendo infirmada por alguns críticos da sociedade do trabalho.

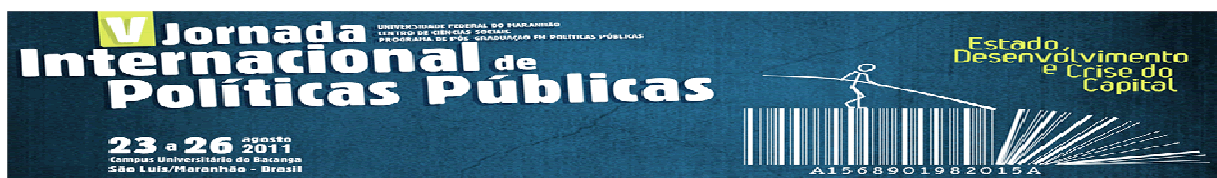
1. BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS ACERCA DO TRABALHO COMO CATEGORIA FUNDANTE DO SER SOCIAL

O homem, diferentemente dos animais, é dotado de uma grande inteligência, característica que lhe permite acumular conhecimentos ao longo de seu processo de desenvolvimento, pois ele não nasceu sabendo dominar instrumentos importantes, fabricar objetos ou construir casas, por exemplo. Sendo assim, para satisfazer as suas necessidades de sobrevivência foi modificando a natureza e na medida em que este transforma a natureza transforma-se a si mesmo e a sociedade. Isso é o que nos ensina Marx (1983), ao afirmar o trabalho como eterna necessidade do homem.

Nesta perspectiva, o homem foi se constituindo como ser social e, sobretudo, através do trabalho foi mantendo relações. O trabalho, por sua vez, possibilitou o aprimoramento dessas relações, o que propiciou a organização do homem em sociedades. É sob esta ótica que Braz; Netto (2006, p. 37) enfatizam que “foi através do trabalho que a humanidade se constituiu como tal. Ou se quiser: O trabalho é fundante do ser social”.

Sendo assim, com o desenrolar dos fatos a humanidade foi se construindo e as relações se tornando cada vez mais complexas. Na pré-história as pessoas comumente viviam em pequenas tribos nômades e não desenvolveram a instituição da propriedade privada. O modo de produção escravista foi o primeiro sistema de organização baseado na exploração cuja produção da riqueza dar-se pela exploração do trabalho escravo, homens que viviam em condições subumanas, sob as correntes do seu proprietário. Com o declínio deste sistema surge o modo de produção feudal que embora continue baseado na exploração da força de trabalho, sustenta-se numa nova forma produção da riqueza e, por conseguinte, das relações sociais. Os “personagens” que atuam neste cenário recebem os nomes de senhores feudais e classe servil (LESSA; TONET, 2008). Nessa perspectiva, vale a citação dos referidos autores:

Todo ato de trabalho possui uma dimensão social. Em primeiro lugar, porque ele é também o resultado da história passada, é expressão do desenvolvimento



anterior de toda a sociedade. Em segundo lugar, porque o novo objeto promove alterações na situação histórica concreta em que vive toda a sociedade; abre novas possibilidades e gera novas necessidades que conduzirão ao desenvolvimento futuro. [...]. (LESSA; TONET, 2008, p. 25-26)

Então, com o passar do tempo criou-se a necessidade de substituir o trabalho servil por outra prática mais lucrativa, qual seja, o trabalho assalariado, cuja base encontra-se no modo de produção capitalista. Entre as características desse sistema econômico destaca-se: a separação radical dos meios de produção do produtor direto, característica explorada por Marx (1983), na “Assim Chamada Acumulação Primitiva”.

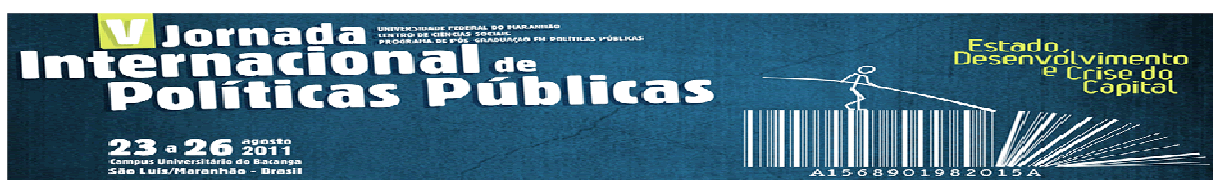
A partir das transformações econômicas e políticas - Revolução Industrial e Revolução Francesa – eventos que sinalizam a consolidação deste novo sistema, intensifica-se um processo ininterrupto de extração do trabalho excedente para atender aos imperativos da expansão e acumulação do capital. No atual estágio de crise estrutural do capital, as novas exigências do mercado dirimem as poucas oportunidades de inserção à classe trabalhadora no mercado de trabalho. O substrato a evidenciar deste estágio, como veremos adiante, é que o trabalho continua sendo a categoria fundante do processo de produção da riqueza socialmente produzida, mesmo diante das cifras elevadas de desemprego e sob o mote de que a riqueza passa a criada no mundo da especulação. Parafraseando Netto (1996, p. 92):

[...] cresce exponencialmente a força de trabalho excedentária em face dos interesses do capital. O capitalismo tardio, transitando para um regime de “acumulação flexível”, reestrutura radicalmente o mercado de trabalho, seja alterando a relação entre excluídos/incluídos, seja introduzindo novas modalidades de contratação (mais flexíveis, do tipo “emprego precário”), seja criando novas estratificações e novas discriminações entre os que trabalham (cortes de sexo, idade, cor, etnia).

Vale ressaltar que, as transformações observadas nos dias em curso demonstram as dificuldades de conter as contradições inerentes à sociedade produtora de mercadorias e a necessidade de “concepção de mundo” que tende a anular a dimensão ontológica do ser social. Noutras palavras, a ofensiva do capital intensifica-se a alienação frente às transformações do processo produtivo, na tentativa de cindir a unidade: trabalho e ser social.

2. O SISTEMA CAPITALISTA E AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

Mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais ocorreram e estão ocorrendo em um ritmo crescente e veloz e seus impactos na sociedade mostram-se de forma surpreendente. O modo de produção capitalista vem desde muito tempo atrás passando por crises, sendo essas superadas por estratégias implantadas pelo o mesmo. A doutrina dessa nova ordem possui um novo foco voltado aos motivos e práticas destinadas a favorecer a formação de mercados



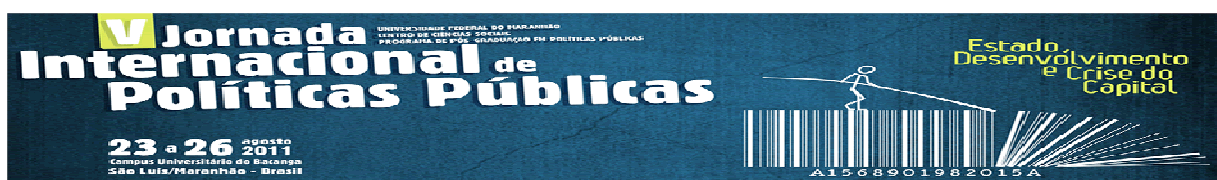
emergentes. Dessa forma, essas mudanças formam um conjunto de ações que levam a um processo agressivo de globalização econômica e de uma suposta abertura comercial da ordem neoliberal.

O mundo do trabalho tem sua configuração e sua dinâmica alteradas à medida que avança o capitalismo e modifica-se a ordem social. Com a mundialização do capital temos a chamada Reestruturação Produtiva, que traz consigo mudanças significativas para o mundo do trabalho, assim como, para subjetividade da classe trabalhadora. Estes impactos surgem por meio da ofensiva do capital nos sistema de produção, ou seja, desenvolvem mudanças nos métodos de trabalho e na precarização da classe trabalhadora; ambas fruto do neoliberalismo. Segundo NETTO (2001), o neoliberalismo é um movimento que se baseia a partir de ideias neoclássicas, que teve seu sistema doutrinário determinado pelo Consenso de Washington. Esse movimento incentiva o livre-mercado, o empreendimento privado, além de premiar a responsabilidade pessoal, a iniciativa empresarial entre outros. E, no limite, freia a mão pesada do Estado que considera incompetente, burocrático e parasitário.

De acordo com BRAZ E NETTO (2008), O mercado contemporâneo exige qualificação dos operários, ao mesmo tempo, a capacidade para participar de atividades múltiplas (ser polivalente). O operário passa ser agora um “controlador” de máquinas de comando numérico computadorizado, controladores lógico-programáveis, e demais aplicações da informática. A base produtiva vem se deslocando rapidamente dos suportes eletromecânicos para os eletrônicos facilitando a substituição da força de trabalho; tornando-se cada vez mais amplas e complexas as operações intelectuais requeridas para a produção material. A gestão dessa força de trabalho vem apelando para a “participação, envolvimento” dos trabalhadores empenhando-se em quebrar a consciência de classe dos trabalhadores, utilizando-se o discurso de que a empresa é sua “casa”; pois a partir de agora eles são referidos como colaboradores, cooperadores, enfoque na subjetividade (competitividade, individualidade).

As transformações implantadas pelo o capitalismo têm como objetivo criar novas condições para a exploração da força de trabalho; como a flexibilização, a subcontratação, o crescimento dos trabalhadores no setor de serviços, a terceirização de atividades e serviço onde as condições de trabalho são muito diferentes: salários baixos, alta rotatividade, garantias diminuídas ou inexistentes e redução dos operários. O capitalismo contemporâneo transformou o desemprego maciço em fenômeno permanente, naturalizando-o como se não houvesse alternativa a não ser a de conviver com o mesmo.

“A precarização e informalização das relações de trabalho trouxeram de volta formas de exploração próprias do passado (aumento da jornada, trabalho infantil, salários diferenciados para homens e mulheres)” (Braz e Netto, 2008, p. 220-221). No capitalismo contemporâneo o capital



esta destruindo as regulamentações que lhe foram impostas como resultado das lutas do movimento operário e das camadas trabalhadoras. Essa metamorfose esta na base do conjunto de espantosas modificações que sustentam as alterações no proletariado, no conjunto dos assalariados, na reconfiguração da estrutura de classes, nos sistemas de poder, enfim, na totalidade social que é constituída pela a sociedade burguesa; o que leva a precarização do emprego.

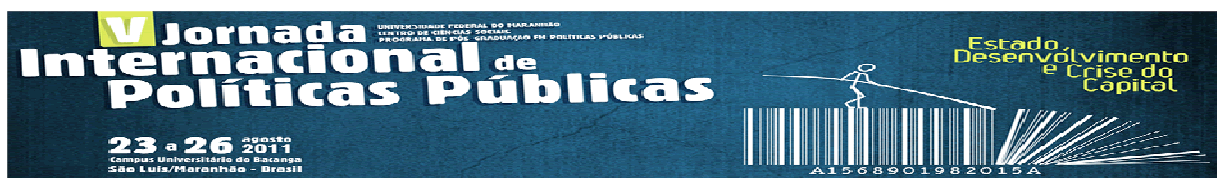
Assim, entendemos que o capitalismo, com o passar dos tempos, vem buscando novas formas de superar as crises que atingem seu sistema, e conseqüentemente, vem transformando diretamente o mundo do trabalho com mudanças desfavoráveis a classe trabalhadora tendo como objetivo central a recuperação das taxas de lucro, independente das implicações para vida do trabalhador.

3. O LUGAR DO TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Com o surgimento da propriedade privada dos meios de produção e como conseqüência imediata o aparecimento das classes sociais, ou seja, os possuidores dos meios de produção (capitalistas) e os que precisarão vender sua força de trabalho, único bem que possuem para garantir sua sobrevivência; de acordo com os escritos de Marx, a vida social deveria ser analisada através de uma perspectiva que não visasse apenas estabelecer as leis de mudanças dos fenômenos. Segundo ele, os fenômenos sociais deveriam ser criticados, desvendados, dessa forma sua análise da sociedade capitalista causou grande impacto entre os intelectuais.

Tal como Marx, hoje em dia, tudo parece levar em seu seio sua própria contradição. Vemos que as máquinas dotadas da propriedade maravilhosa de encurtar o tempo e fazer mais frutífero o trabalho humano provocam a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riquezas descobertas convertem-se, por arte de um estranho malefício, em fontes de privações (QUITANEIRO, 1996).

Com base nas transformações que são apresentadas no decorrer do texto, transformações essas ocorridas a partir da reestruturação produtiva, a ofensiva neoliberal, o desemprego, a mecanização, novos mercados de trabalho, entre outras, surgem os críticos da sociedade do trabalho a exemplo de André Gorz, Claus Offe e Habermas. Estes vão argumentar sobre a desapareção do trabalho. Diferentemente de Marx, eles comungam com a tese de que o trabalho hoje não é mais a categoria sociológica central. De acordo com as análises realizadas por Ricardo Antunes e Francisco Teixeira acerca desse debate citarei de maneira sintética, as principais idéias desses teóricos do fim da sociedade do trabalho.

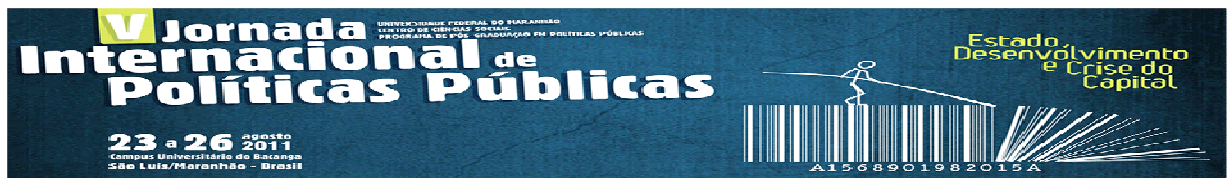


Para os críticos da sociedade do trabalho a luta de classes perdeu sua centralidade. Gorz dirige sua crítica a Marx, por ele considerar o trabalho como elemento central da sociedade, argumentando que não é a categoria social trabalho que permite pensar os conflitos sociais. “(...) Não pode haver luta pela emancipação, pelo desenvolvimento livre e pela disposição quanto a própria vida, sem que haja lutas sindicais pela reformulação do trabalho e das condições de trabalho (...)” (GORZ APUD TEXEIRA, 2008. p.51).

Segundo Gorz a classe trabalhadora não é mais a mesma, o trabalhador qualificado, considerado como único detentor de capacidades técnicas insubstituíveis, foi substituído pelo trabalhador especializado, moderno. Este não domina mais o processo de produção. Ele ainda defende que o trabalho perdeu sua materialidade, uma vez que, hoje a maioria dos assalariados exerce tarefas, e ainda defende o fim da luta de classes. De forma singular, Offe desenvolve de maneira mais nítida a tese da imaterialidade do trabalho, partindo da ampliação do setor de serviços, ele argumenta que é impossível medir o desempenho produtivo do trabalho neste setor. De acordo com Offe, os critérios de racionalidade desenvolvidos pelo sistema capitalista de produção de mercadorias não podem ser transferidos para este setor. Pois a racionalidade que domina o trabalho no setor de serviços não é a mesma que prevalece no setor industrial da economia. Quanto à Habermas, este concorda com os teóricos acima citados, porém julga suas teses insuficientes para enfrentar a crise que nasce com o fim da utopia da sociedade do trabalho. Segundo ele faltou-lhes uma teoria social ampla, que desse suporte para pensar a modernidade. Em sua tese, confere a esfera da linguagem e comunicação o espaço privilegiado para emancipação do ser social. O mesmo desconstrói o trabalho partindo da idéia de que Marx errou ao fundir trabalho e interação, considerando-os sob uma única totalidade. A partir de então Habermas se propõe a reconstruir o materialismo histórico. Porém, o que conseguiu fazer é substituí-lo por uma teoria da evolução social, onde a linguagem se torna o elemento central.

Nesse contexto, observa-se que esses críticos cometeram alguns equívocos, tais como: afirmar que a sociabilidade humana se dá através da comunicação; mencionar o desaparecimento da classe trabalhadora, quando o que acontece de fato é redução do trabalhador fabril, essa diminuição se dá em conseqüência do incremento tecnológico, ou melhor, da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. E ainda decretar o fim da luta de classes, como se no sistema capitalista não houvesse mais desigualdades sociais e contradições.

Nessa conjuntura, observa-se, que as transformações ocorridas na sociedade capitalista afetaram fortemente a classe trabalhadora e seu movimento sindical. Porém, não é possível afirmar o fim da luta de classes, uma vez que, a sociedade se encontra dividida em classes antagônicas. Outro equívoco é afirmar que o trabalho perdeu sua centralidade, numa sociedade em que para se manter depende do trabalho seja no setor industrial, no setor de serviços e entre



outros. É através da exploração da classe trabalhadora, da extração da mais-valia que o grande capital consegue acumular e concentrar suas riquezas. Isso significa que enquanto perdurar o sistema capitalista de produção o trabalho terá seu espaço garantido, embora de forma explorada, fragmentada e precarizada, este ainda é indispensável para manutenção do sistema.

4. CONCLUSÃO

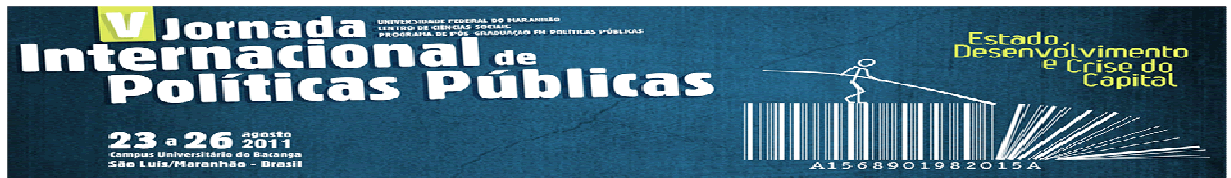
Diante do esforço empreendido, evidencia-se que estamos inseridos em um contexto marcado por transformações no processo produtivo. E assim, podemos perceber que essas transformações de cunho social, político e econômico afetam diretamente as relações sociais. Entretanto, os princípios básicos do capitalismo, a exemplo do lucro, o individualismo competitivo, estão cada vez mais presente o que implica em dizer que as mudanças em curso não correspondem a um rompimento com tal sistema produtivo. A configuração do trabalho neste sistema de produção acarreta debates polêmicos no sentido de que uns afirmam que a sociedade do trabalho está em via de desaparecimento. Diferentemente de Marx, os Críticos da sociedade do trabalho comungam com a tese de que o trabalho hoje não é mais a categoria sociológica central.

Nessa conjuntura observa-se, portanto que as transformações ocorridas na sociedade capitalista afetaram fortemente a classe trabalhadora e seu movimento sindical. No entanto, é pertinente salientar, que concordamos com Antunes quando ele fala que na atualidade em meio ao desenho multifacetado do trabalho há uma nova morfologia da classe trabalhadora. Contudo, é um equívoco afirmar que o trabalho perdeu sua centralidade. Apesar das estratégias utilizadas pelo grande capital para desmobilizar, estratificar cada vez mais a classe trabalhadora, é através desta que o capital consegue extrair a mais-valia e, assim, acumular e concentrar suas riquezas.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Ricardo. **O Caracol e sua Concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. Boitempo, 2005.

_____. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo, 2000.



BRAZ E NETTO, Marcelo.; José Paulo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

LESSA, Sérgio. Ivo, Tonet. **Introdução à filosofia de Marx**.1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O Capital** - Livro 1. Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NETTO, José Paulo. As transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. In: **Serviço Social & Sociedade**. n. 50, ano XVII- 1996.

NETTO, José Paulo. **Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal**. 3ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

QUINTANEIRO, Tania. **Um Toque de Clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

TEIXEIRA, Francisco. **Marx no Século XXI**. São Paulo: Cortez, 2008.